AVEIRO, 24 DE NOVEMBRO DE 1978 — ANO XXV — N.º 1225

Litoral

SEMANÁRIO

PREÇO AVULSO — 4$00

Director, editor e proprietário — David Cristo — Redacção e Administração: Rua do Dr. Nascimento Leitão, 36 — Aveiro (Tel. 22261) Composto e impresso na «Tipave» — Tipografia de Aveiro, Lda. — Estrada de Tabueira — Aveiro (Telefone 27157)

Graves consequências para a nossa (depauperada) Economia

IMPORTAÇÃO DE SAL

O deputado (centrista), pelo círculo distrital de Aveiro, Dr. José Luís Christo, leu, e apresentou à mesa da presidência da Assembleia da República, na sessão de 14 do corrente, o seguinte requerimento:

Muita gente desconhece que o cloreto de sódio, quer na forma de sal gema, quer na forma de sal marinho, é a terceira das principais matérias-primas do mundo.

Portugal parece ter condições naturais para ser um país auto-suficiente deste tipo de matérias-primas, ainda que se tenha de admitir e desejar um incremento do consumo do cloreto de sódio, directamente proporcional ao desenvolvimento do sector das indústrias químicas nacionais e à melhoria e racionalização dos hábitos alimentares da generalidade dos portugueses.

Acontece, porém, que de país auto-suficiente e potencial exportador de cloreto de sódio, Portugal, contra a vontade manifesta dos produtores, tem vindo a importar quantidades cada vez maiores deste produto. E, por outro lado, pouco ou nada se tem feito no sentido de proteger e desenvolver as actividades salícolas nacionais, apesar dos esforços desenvolvidos por parte de alguns dos técnicos colocados no actual Serviço de Sal da Secretaria de Estado das Pescas.

Tais importações, segundo parece, têm sido autorizadas com isenção de encargos fiscais, destinando-se o sal, assim importado, exclusivamente, *a ser higienizado nas unidades fabris existentes, que justificam os seus pedidos de licenciamento de importação numa eventual insuficiência da produção nacional de cloreto de sódio.*

Outras importações, segundo parece, têm sido autorizadas com a única finalidade de se reexportar o sal assim adquirido, sem qualquer tratamento fabril em empresas portuguesas.

Verifica-se, no entanto, que muitos importadores, desviando o sal importado do seu destino específico, estão a lançar directamente no mer-

Continua na página 3

Por Aveiro ou contra Aveiro

A GRANDE OPÇÃO

MANUEL BÓIA

QUANTAS vezes não chamei eu a atenção (desde há nove anos...) para o movimento que, então, pressenti vir a desencadear-se contra o Distrito de Aveiro?

Foram múltiplos esses meus queixumes. Primeiro, por um desenquadramento desportivo, ilógico e destruidor; agora, por, descaradamente, se pretender mexer na divisão administrativa distrital, que é convergente e racional.

Bem sei que, por muitos motivos, de nada valem estas minhas repetições. Mas continuarei com o mesmo espírito de resistência.

Por hoje, confesso julgar ser muito estranho que a linha de acção das nossas Autoridades, nomeadamente da Assembleia Municipal, seja de quase total apatia, e, o que é mais grave, de transigência na partilha de parcelas do solo distrital, ou ainda de complacência perante miseráveis campanhas, altamente maléficas para Aveiro.

A lição da cidade de Espinho, que tem minado com espantosa facilidade esses alicerces para os fazer derrocar e, mais recentemente — como de igual modo sempre denunciei —, o exemplo da vila da Mealhada (com o Luso e o Buçaco incluídos!), que se prepara para atingir idêntica meta, não é, senhores, de reflectir? E tendo em conta uma certa visão, não será de fazer, insistentemente, a pergunta: — que fica para Aveiro?

Abertamente, ponho à consciência dos ilustres membros da Assembleia Municipal que sejam Aveirenses de coração, a grande opção que, de forma clara, têm de fazer na matéria: ou são denodadamente por Aveiro, sustentando a divisão distrital em vigor há cento e cinquenta anos, que só traz a todos vantagens reais e progresso, ou são contra Aveiro, condicionando as suas atitudes por critérios puramente teóricos,

Continua na página 3

AVEIRENSES DE S. JACINTO

ALBANO FERREIRA SIMÕES

I

Nado e criado em S. Jacinto até aos 17 anos, então um «lugar» da freguesia de Vera Cruz, talvez o mais rendoso para as finanças camarárias de Aveiro, pelo imposto de pescado que ali se cobrava, recordo como nesse tempo já recuado apreciava a actividade daqueles que conheci como «aveirenses de S. Jacinto».

Era então a povoação o principal centro regional abastecedor de peixe, não só da velhinha «PRAÇA DO PEIXE» de Aveiro, como também de toda a região do Vale do Vouga, até Viseu, seguindo o pescado pela linha férrea do «pouca-terra, pouca-terra», depois de lavado localmente nas águas ainda não poluídas da Ria, salgado e «acamado» em caixas próprias pelos «mercantéis», também conhecidos por «cagaréus» e consignado aos seus clientes regionais.

Ali exitiram sete artes de xávega (companhas) que se foram dissolvendo até ficarem reduzidas a duas e mais tarde a uma só, que persistiu até 1949. Do mesmo modo existi-

Continua na página 3

Achegas para a

HISTORIOGRAFIA AVEIRENSE

J. EVANGELISTA DE CAMPOS

XXXI

Pessoa amiga e leitora assídua do LITORAL, chamou-me a atenção para os erros que, involuntariamente, cometi no meu artigo anterior, pelo que me apresso a rectificá-los.

Na verdade, aquele cavalheiro, com uns anitos (poucos) mais do que eu — mas, ainda, com boa memória —, soube na oportunidade, do episódio que contei, porque convivia com a sociedade no seio da qual o mesmo se deu.

Diz-me ele que não foi um qualquer soldado da Guarda Fiscal que, atenciosamente, esteve a escutar o Dr. Elmano da Cunha e Costa, mas, sim, o José Maria, banheiro da Barra, que, possivelmente, teria ido, àquela hora, à «meia laranja» para observar o estado do mar e determinar a que horas seria o banho, no dia seguinte.

Então, os banhos do mar eram aconselhados pelos médicos; e tinham preceito para serem tomados, quer quanto à hora, quer quanto ao número de mergulhos que cada um devia tomar, sendo os das marés do Equinócio os que melhor faziam à saúde, segundo era voz corrente.

Lembro-me, perfeitamente, apesar de miúdo, de que muitos dias, em Setembro, pelas seis horas da manhã — porque assim o exigia a

Continua na página 3

...ELES É QUE SABEM!

AMADEU DE SOUSA

— Que será feito do célebre monumento «O Salineiro», cuja edificação se chegou a localizar, ou na entrada da cidade, vindo das Gafanhas, ou junto da Ponte da Dobadoura, naquela garagem a céu aberto, que continua por alindar?

*

Agora que o sopro do bom-senso fez tombar (ou não estivéssemos no Outono!), os mais que amarelecidos semáforo da Ponte-Praça, que — certamente com outros a adquirir — se irão destinar, nomeadamente, à Variante e Ponte de São João, por que não se coloca também um, intermitente, no perigoso cruzamento do Largo da Vera-Cruz, agravado com o movimento de saídas para os sinistros das viaturas dos «Bombeiros Novos»?

*

Na Rua de Agostinho Pinheiro, encontra-se em construção um imóvel de cinco andares (supomos — e muito bem!), frente ao edifício da Ultramarina.

Ora, como se entende (ou entendeu, por obra e graça dos então entendidos, e nossa desgraça), que na Avenida — que

Continua na página 3

"Cagaréus" e "Bicudos" no feminino...

CARTA ABERTA à DR.ª JOVITA

do LUPI

Por estranho que pareça — pois aqui se infringem as normas da etiqueta — é um desconhecido, esgueirense de nascimento, que se atreve a dirigir a V. Ex.ª, Snr.ª Dr.ª Jovita Sousa-Maia de Carvalho, esta carta; e pede que lhe seja relevada tal ousadia, ao mesmo tempo que declara, desde já, o motivo que o determinou a escrevê-la: exactamente o «aveirismo» em que milita desde que começou a discernir sobre a nobreza que representa ser-se nativo de Aveiro, um «aveirismo» que cada vez mais se lhe tem arreigado à medida que os anos (a idade) foram tomando vulto. E eu já entrei a contá-los na casa dos quatro-vintes (e mais dois), um bonito rol em que apeteceria trocar-lhe a ordem dos algarismos, como o fazia, por graça, um meu saudoso amigo e colega que já demora no Além. E basta de intróito, que me saiu mais extenso do que eu desejava.

Chego muito tarde, mas é sempre tempo de vir a felicitar V. Ex.ª pelo seu muito apreciável discurso, saudação de fraternal camaradagem, dirigido aos seus velhos *condiscípulos finalistas do curso de Medicina na Universidade de Coimbra, discurso esse que veio, felizmente, para as páginas deste «Litoral», em sua edição de 25 de Novembro do ano findo, (vai agora fazer um ano!), a constituir, sem dúvida, uma saborosa e valiosa achega sobre a nossa região, e a que foi dada a bem me-*

Continua na página 3

A velhinha

«MÚSICA VELHA»

Caminha para século e meio de operosa vivência a Banda Amizade, que viria a ser conhecida por «Música Velha» quando, em Aveiro, outra filarmónica (hoje inexistente) surgiu.

Rigorosamente, o prestigiado conjunto — tradicional e notável escola local das artes da solfa — completou anteontem o seu 144.º aniversário — evocado, então, com um concerto nocturno na Praça do Dr. Joaquim de Melo Freitas.

No próximo domingo, pelas 9.30 h. e na igreja da Misericórdia, será celebrada missa de sufrágio pelos executantes, directores e músicos falecidos.

MOMENTO POLÍTICO

— O pai, quando é que o V Governo toma posse?

CENTRO DE SAÚDE MENTAL DE AVEIRO

A V I S O

ENFERMEIROS/AS DE 2.ª/3.ª CLASSE/AUXILIARES DE ENFERMAGEM

Torna-se público que se encontra aberto, pelo prazo de 30 dias a contar da data da publicação no Diário da República, o concurso para admissão do seguinte pessoal:

3 Enfermeiros/as de 2.ª/3.ª classe/Auxiliares de Enfermagem

Os candidatos deverão apresentar requerimento em papel selado, dirigido à Comissão Instaladora do Centro de Saúde Mental de Aveiro — Estrada de S. Bernardo — Aveiro, datado e assinado sobre um selo fiscal de 100$00.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

1.ª publicação

Faz-se saber que, pelo Primeiro Juízo desta Comarca e Segunda Secção, correm éditos de trinta dias, contados da segunda publicação deste anúncio, citando o réu GABRIEL DE OLIVEIRA MARTINS GARCIA, casado, desenhador de máquinas, que teve a sua última residência conhecida na Avenida Central, n.º 6, Gafanha da Nazaré, para no prazo de vinte dias, findo que seja o dos éditos, contestar a Acção Especial de Divórcio, requerida por MARIA FERNANDA DE OLIVEIRA BARBOSA GARCIA, empregada de escritório, daquela morada, com os fundamentos constantes da petição inicial, cujo duplicado se encontra na Secretaria Judicial para lhe ser entregue quando o solicitar.

Aveiro, 8 de Novembro de 1978.

O Juiz de Direito,

a) — *Francisco Silva Pereira*

O Escrivão de Direito,

a) — *António Miller Soares Ribeiro*

Governante doméstica

— Precisa-se: disponível, saudável, boa apresentação, idade entre 45 e 55 anos. Para pequeno apartamento, moderno, bem apetrechado, de uma pessoa só. Carro próprio. Pouco serviço. Resposta ao telefone 23352, das 8 às 9 e das 21 às 23 horas.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

Por este se faz público que foi distribuída na Secretaria Judicial da Comarca de Aveiro, uma Acção contra PALMIRA DOS SANTOS FERREIRA, solteira, doméstica, residente na Quinta do Gato, freguesia de Esgueira, para o efeito de ser decretada a sua interdição por anomalia psíquica, que corre termos pela Segunda Secção do Primeiro Juízo.

Aveiro, 30 de Outubro de 1978.

O Juiz de Direito,

a) — *Francisco Silva Pereira*

O Escrivão de Direito,

a) — *António Miller Soares Ribeiro*

S A L A

para explicações, na cidade, utilizável durante algumas horas em dias úteis — PRECISA-SE.

Resposta, indicando renda, para o n.º 115 deste jornal.

PRECISA-SE

— Electricista de construção civil com conhecimentos completos, entre os 25 e 35 anos. Contactar só quem estiver nestas condições, com J. A. B. Duarte — Rua do Vento, 64 — Aveiro.

Aveirenses de S. Jacinto

Continuação da 1.ª página

ram duas fábricas de conserva de sardinha e uma de «guano» (onde hoje existem os «Estaleiros de S. Jacinto»). Mas, com o desaparecimento das artes de xávega, foram surgindo as traineiras que atracavam às «motas» (não havia cais) que a Junta Autónoma tinha o cuidado de mandar reparar dos estragos causados pelas cheias da «água doce» no final de cada Inverno. E eram ainda as «amarrações» (um barco maior e uma bateira, ambos a remos) que ali vendiam o caranguejo apanhado no mar à custa de muitos riscos, já que a barra era perigosa de demandar quando o mar «picava» um tudo-nada, chegando mesmo algumas vezes a terem de ser rebocadas para Leixões, por impossibilidade de entrada na assoreada barra de Aveiro.

Num só dia chegaram ali a vender nada menos que vinte e uma traineiras e cerca de noventa «amarrações», que nem só caranguejo traziam, mas também as boas «azevias» e fanecas, isto para além da sardinha, carapau, biqueirão, espadim, etc., bem como o «peixe da renda» proveniente da captura feita pelos «lanços» da xávega.

Era ali, em S. Jacinto, a verdadeira «lota de Aveiro». E que abundância, Santo Deus!

Nos meses de Setembro a Outubro, naquelas tardes em que a trovoada ameaçava, chegava a rebentar o saco da rede em alguns dos «lanços» da xávega, o que originava um invulgar espectáculo de movimento pelas pessoas que acorriam à costa e se espalhavam pela praia na apanha do peixe saído desse «rebentar do saco».

De Maio a Novembro, fixavam-se em S. Jacinto os «mercantéis», que designei por «aveirenses de S. Jacinto» e mais não eram que os negociantes de peixe, compradores de todo o que vinha nas traineiras e nos «lanços» da xávega e ainda do caranguejo recolhido pelas «amarrações». Habitavam nos seus «palheiros» que ali mantinham, utilizando o primeiro piso como moradia e o r/c como «lagares» para a salga da sardinha que não vendiam, ou entendiam reservar para vender mais tarde, especialmente no Inverno, enquanto o caranguejo era também salgado nesses «lagares» para se transformar em mexoalho (vulgo, escaço) e que os lavradores das Gafanhas, Mira e outros ali iam comprar-lhes para juntarem ao moliço e fertilizarem as suas terras de cultivo.

Nos meses de Julho a Setembro, vinham então as famílias desses «mercantéis», com outros parentes, passar com eles o Verão e gozarem as férias utilizando os «palheiros». Eram os «Pachecos», «Patacos», «Moreiras», «Velhinhos», «Cruz», também conhecidos por «Padeiros», os «Pinhos» e tantos outros, não esquecendo o «Zé Biça», famílias essas que enchiam a praia de animação, colorido e boa disposição. Mas não se julgue que só as famílias dos «mercantéis» se deslocavam para S. Jacinto, pois na época balnear ali estavam muitas outras, nomeadamente do «Guimarães», «Manes», «Pinheiros» e «Ulisses». Porque eram todas da beira-mar de Aveiro e muito apreciavam a única praia do nosso concelho,

Conclui na página 5

CARTA ABERTA à DR.ª JOVITA

Continuação da 1.ª página

recida honra de editorial; e digo merecidamente, porquanto a elegância literária que dele ressalta despertou — não apenas entre os que tiveram a dita de o ouvir de viva voz como em todos quantos o tivessem lido — despertou, dizia eu, profundos sentimentos de emotiva saudade que poeticamente por ele adejam, e donde sobressai um terno hino de amor à família e ao querido torrão natal. E nenhum coração de aveirense que se ufane do berço onde foi embalado e da nobreza da sua ascendência poderá ficar indiferente, perante o que ali está escrito; pelo contrário, há-de pulsar em ritmo bem cadenciado, se não mais fortemente batido.

Para que se possa avaliar bem o regozijo de V. Ex.ª, por ser quem é e donde é, importa reler-se o parágrafo que transcrevo com a vénia que se lhe deve: — «E aqui estou (...) bem certa de saber quem sou (...)».

Nos passos seguintes, porém, mostra-se V. Ex.ª insatisfeita por «não saber o nome certo a que «o ninho seu» lhe dá direito (...) para inteiramente se traduzir», já que, por ter nascido mulher, de Aveiro, «cagaréu» nasceu também... E não sabe qual é o feminino de «Cagaréu»...

Aqui — à laia de parêntesis e com perdão de V. Ex.ª — me ocorre à memória a pergunta do nosso conterrâneo Fernando Pessa, durante um programa (aliás pouco feliz programa) emitido há anos pela T.V. e respeitante à cidade dos canais, à nossa terra, à dos ovos moles e mexilhões e do celebrado gabão, este para mim tanto inolvidável, porquanto envergueí um no tempo em que, eu ainda imberbe, ele me protegia dos frios e dos ventos que tinha de arrostar nas viagens diárias de ida-e-volta de Esgueira para a cidade, « pedibus calcant.bus », quanto ia escutar, no Liceu, as vozes docentes dos professores P.e Rodrigues Vieira, Drs. Elias Pereira, Ferreira da Cunha, Rodrigues Soares, Álvaro de Moura e Eduardo Silva, o «Fragata»; e, depois, na Escola Normal, as do austero e competente director Zé Casimiro da Silva, bem como as do Pereirinha (de estatura tão baixa como de alta era a de sua esposa), e das solteironas D. Rosalina Alves Fontes e D. Eugénia Simões. Deixem-se, porém, memórias velhas e relhas e voltemos à vaca-fria.

O inconfundível locutor nosso patrício quis saber, então, a origem da alcunha «cagaréu», pela qual ele e todos os como ele vera-cruzenses de Aveiro eram conhecidos por aquele nome de guerra. Julgo que ainda ninguém lhe satisfez a curiosidade, da mesma maneira que também se desconhecem os motivos causadores dos alcunhos «ceboleiros» e «bicudos» por que são apelidados os aveirenses naturais, respectivamente, da freguesia da Glória e da de Esgueira. Sabe-se lá qual a particularidade física ou moral, ou quais as circunstâncias que os apadrinharam!?...

Quanto ao feminino destes dois alcunhos são decorrentes da regra geral: mudança de O para A — «ceboleiras» e «bicudas». Agora, quanto ao feminino de «cagaréu», talvez a esta hora tardia a que chego (a velhice é uma doença...) já o «acrisolado aveirismo» do ilustre colega de V. Ex.ª, o Dr. Frederico de Moura, tenha deferido o seu pedido de socorro... Contudo, também é de se admitir que o absorvente labor da sua clínica e outros motivos da sua paixão não lhe tenham consentido despachar...

E então eu, pelo sim ou pelo não, me resolvi a vir a esta varanda para, com perdão de V. Ex.ª e do Dr. Frederico, lhe dar a satisfação de inteiramente se poder traduzir, como é saber o feminino de «cagaréu».

A revivescência de uma cena a que assisti, nos tempos da minha meninice, surgiu-me dos escaninhos da arca desta octogenária memória:

Foi no ano cinco ou seis deste século da era nuclear.

Na minha Esgueira, lá quase no termo da ladeira da estrada velha para Cacia, à esquerda de quem sobe, e depois de se ter passado pela Fonte do Meio (assim chamada por, antes dela, na mesma via, ficar a Fonte da Biquinha, em cujo frontal os invasores franceses evidenciaram a sua violência picando os escudos das armas de Portugal que ali se exibiam); lá quase no termo daquela ladeira, ia eu dizendo, ficava a Fonte do Olho de Água.

Naquele tempo, a «linfa branca e doce» jorrava ali abundantemente, por duas bicas, para um tanque-bebedouro onde as bestas de passagem que iam ou vinha para/de a Feira dos 26, em Angeja, saciavam a sede, e também algum sequioso viandante de jornada mais ou menos longa (as camionetas de carreira só por ali apareceram nos anos vinte) se dessedentava regaladamente com aquela água, ao abocar um dos canos, como faziam as gafanhoas, garridas nos seus trajos, e os gafanhões, quando iam

Conclui na página 5

Achegas para a HISTORIOGRAFIA AVEIRENSE

Continuação da 1.ª página

maré — já «ti Zé Maria» andava a bater às portas dos seus clientes, avisando-os de que eram horas do banho.

E, ainda ensonados, mas já vestidos com a roupa própria para aquele fim, e toalha debaixo do braço, lá marchavam os pequenos — e os grandes também — para a borda do mar, onde os esperava o «ti Zé Maria» pronto a iniciar o «sacrifício».

Aos mais novos, o banheiro pegava-lhes ao colo e, depois dos respectivos mergulhos, acompanhados de gritaria — a água, algumas vezes estava muito fria —, entregava-os aos familiares que os acompanhavam; aos maiorzitos e às senhoras pegava-lhes nas mãos para eles mergulharem com confiança; e aos maiores, que ele man'inha sob vigilância, em local que, junto dele, tinha delimitado, ia gritando, de vez em quando: — Es'a é boa! Mergulhem todos, «gregórios»! E, a esta ordem, toda a gente se abaixava para que a onda lhe passasse por cima.

E, quando o entendia, dava o banho por terminado; e o grupo desandava para fora da borda do mar, recolhendo a casa.

O «ti Zé Maria» era «pau para toda a colher»: era ele e a sua família que se encarregavam, fora da época balnear, de abrir e fechar as janelas das casas; de procederem à limpeza na altura própria; e era ele quem tratava do arrendamento e até se encarregava da venda das mesmas, se os proprietários estavam, nisso, interessados.

Ouvi contar que, um dia, um inglês, que vivia no Porto, veio de passeio a Aveiro e estendeu esse passeio até à Barra (fora da época balnear) no carro do Luís da Clarinda, e a conselho deste, que com ele tinha andado na cidade.

O inglês gostou da pacatez e sossego da Barra e perguntou ao Luís se era possível comprar, ali, uma casa, pois gostaria de lá passar uma temporada, para descansar. O Luís procurou o Zé Maria, endossou-lhe o inglês e retirou-se para Aveiro.

O inglês e o Zé Maria iniciaram as visitas às casas que, possivelmente, poderiam ser adquiridas e aquele ia dizendo: «Mim gostar muito deste praia; ser muito sossegado; querer comprar um casa»...

Fez-se noite. O Zé Maria arranjou onde o inglês ficasse, combinando onde e a que horas se deviam encontrar no dia seguinte.

De noite, caiu, na Barra, uma grande nevoeirada; e a «ronca» teve que tocar...

O Zé Maria, à hora combinada, foi procurar o inglês e não o encontrou em parte nenhuma.

A ronca tinha-o incomodado tanto que ele fugiu, não se sabe como, mas, presumivelmente, a pé, pois, de noite, não havia outro meio de transporte.

Vamos, porém, à rectificação prometida, e foi ela que me obrigou a escrever este artigo.

O Dr. Cunha e Costa — segundo o meu informador —, quando acabou de executar a peça, perguntou ao Zé Maria:

— Gostou? Que me diz?

O Zé Maria respondeu: — Olhe, senhor doutor, essa música, se fosse tocada por pessoa que soubesse, devia ser coisa muito linda...

Entre a resposta atribuída ao guarda-fiscal, e esta, venha o Diabo e escolha...

J. EVANGELISTA DE CAMPOS

...Eles é que sabem!

Continuação da última página

poderia ser, sem sombra de dúvida, a mais monumental artéria da província, e triplica aquela rua, em largura — se permite apenas o mesmo número de andares, com um «pombal» encimado?

É pura perda de tempo, relembrarmos a perda de milhares de contos saídos da nossa terra, em benefício de outras. Mas, a atestar a tragédia das cérceas que se abateu sobre nós, permanece aquele «monstro», à entrada da esplêndida via, que a visão de Lourenço Peixinho rasgou, como «ex-libris» de uma altura em que imperou a superior inteligência de uns esteticistas e quejandos, que altamente obstaram a um maior desenvolvimento urbanístico.

— Quando se procede à limpeza daquela fachada do Banco Fonsecas & Burnay — «queixal» careado que nos legou esse famigerado Plano Director, de tão triste memória?

— E o edifício da Caixa de Previdência, para onde e quando?

Numa cidade amiga e vizinha — cuja Caixa não se compara, em rendimentos —, construiu-se um grandioso imóvel. Aqui, encaixotou-se o projecto, certamente por dificuldades de concretização (agora!), e como solução, vão-se pagando elevadas rendas!

— Por que não chamam os professores da Escola Masculina do Largo de Maia Magalhães, a atenção dos seus alunos para o respeito que se deve observar, por todo ou qualquer monumento, a fim de evitar o espectáculo deprimente do empoleiramento e outras tropelias, no que ali se ergue ao Bombeiro?

AMADEU DE SOUSA

Importação de Sal

Continuação da 1.ª página

cado interno quantidades consideráveis do sal importado, infringindo normas fiscais e aduaneiras, e em flagrante e desleal concorrência com o sal nacional, principalmente com o sal marinho produzido nos diversos salgados. Estes salgados que, de ano para ano, assistem ao avolumar dos factores da crise gravíssima em que se encontram, e justificou que o II Governo tivesse criado já uma Comissão de técnicos para analisá-la e propôr as medidas convenientes para a superar, confrontam-se hoje com mais este factor da crise.

Tal crise, comum aos diversos salgados, é notavelmente sentida nos do norte, em especial no de Aveiro, onde se verifica que os pequenos produtores, não podendo suportar, por mais tempo, os prejuízos sucessivos da exploração das suas salinas, as abandonam completamente, com gravíssimas consequências para a economia regional e do próprio País e para a degradação do meio ambiente.

Parece justificar-se, assim, que o Governo evite novas importações de sal, como é do interesse do sector produtivo nacional, e tome as medidas adequadas no sentido de garantir que o sal já importado, ou que excepcionalmente venha a ser importado, no futuro, não seja desviado dos fins que condicionaram ou devam condicionar tais importações.

No seguimento do exposto, requeiro a V. Ex.ª que, nos termos regimentais, sejam solicitadas ao Governo as seguintes informações:

a) quantidades de sal importado nos últimos três anos (1976, 1977 e 1978);

b) justificações apresentadas para a obtenção das licenças de importação;

c) entidades que importaram sal, nos referidos três últimos anos, com a indicação das quantidades que cada uma delas importou;

d) preços de aquisição do sal importado com indicação dos países de proveniência;

e) diplomas legais regulamentadores de tais importações;

f) condições eventualmente fixadas aos importadores nas autorizações concedidas;

g) medidas eventualmente adoptadas no sentido de garantir que o sal importado não seja desviado para fins diversos dos requeridos pelos importadores;

h) modos de actuação das autoridades alfandegárias e da Guarda Fiscal no sentido de tornar efectivas aquelas garantias, com informação das eventuais infracções já detectadas.

A grande opção

Continuação da 1.ª página

fruto de ilusões, que a imagem do dia-a-dia está já a mostrar serem ruinosos para a nossa terra. E não pensem os ingénuos que há terceiras vias, porque os rumos estão bem definidos e são completamente distintos. Inegavelmente, a História também os julgará.

Quando é nítido que, no momento, a nossa cidade é débil e não tem força para se defender senão através da Assembleia Municipal, insisto que não seja esta a desinteressar-se, por inocência ou conivência, de um problema que, para Aveiro, é essencial como garante da sua LIBERDADE!

MANUEL BÓIA

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Sexta	CENTRAL
Sábado	MODERNA
Domingo	ALA
Segunda	AVEIRENSE
Terça	AVENIDA
Quarta	SAÚDE
Quinta	OUDINOT

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

NOVO PARQUE INFANTIL

Mais um parque infantil: este no Largo do Conselheiro Queirós.

Foi acertada decisão e realização da Câmara Municipal, que, assim, faculta às crianças, das zonas citadina dos Santos Mártires e do Alboi, verdejantes recintos para seu recreio e repouso.

Até agora, a pequenada dali teria de recorrer, para seus entreténs, aos distantes parques do Infante D. Pedro ou do Jardim de D. Afonso V.

ESCOLA DAS CARDADEIRAS

Utilizando arame e construindo um muro, a Câmara Municipal procederá à vedação da Escola das Cardadeiras, em Esgueira.

As obras estão orçadas em 180 contos.

COMPLEXO HABITACIONAL DO CANHA

A Câmara decidiu comunicar ao Ministério da Habitação o desejo dos trabalhadores municipais de que venha a ser considerado de propriedade resolúvel o complexo habitacional da Quinta do Canha.

Trata-se de uma pretensão justa, assim a merecer rápido e favorável despacho.

ILUMINAÇÕES DO NATAL

A Edilidade decidiu prestar a sua colaboração à Associação Comercial, que preconiza o reatamento, este ano, das iluminações natalícias.

Para além do específico arranjo e iluminação das vitrinas, algumas artérias (designadamente, parte da Avenida do Dr. Lourenço Peixinho e, provavelmente, a Ponte-Praça) serão festivamente iluminadas.

RUA DO CABO LUÍS

A Câmara Municipal, na sua última reunião pública, deliberou abrir concurso para a pavimentação e electrificação da Rua do Cabo Luís, em Esgueira.

V SALÃO DE FOTOGRAFIA «FRAPIL»

Até 17 do corrente, estiveram expostos, nas instalações da «Frapil», os trabalhos que integram o relevante certame organizado pelo Pelouro Cultural da importante empresa citadina; a partir de amanhã, 25, e até 3 de Dezembro, patentear-se-ão ao público no salão nobre do Clube dos Galitos, onde, no primeiro daqueles dias, será feita a distribuição dos prémios.

Desde já podemos adiantar que, em resultado do apuramento feito, foram galardoados, com o primeiro prémio: Manuel S. Gamelas («Frapil»), nos temas «A Mulher» e «Livre» — ambos a preto-e-branco; e, em «Tema Livre» (diapositivos a cores), Ricardo Fino Figueiredo, também da «Frapil».

SANITÁRIOS junto à ESTAÇÃO DA C.P.

Junto à estação da C.P. e dada a impossibilidade da utilização, para o efeito, da placa central da Avenida do Dr. Lourenço Peixinho —, vão ser construídos sanitários públicos.

Assim foi deliberado pela Câmara Municipal.

REPRESENTANTE MUNICIPAL NO CONSERVATÓRIO

Foi decidido, pela Edilidade, nomear seu representante, no Conservatório Regional de Aveiro Calouste Gulbenkian, o vereador Orlando Cruz.

CARTAZ DOS ESPECTÁCULOS

— Teatro Aveirense

Sexta-feira, 24 — às 21.30 horas; Sábado, 25 e Domingo, 26 — às 15.30 e 21.30 horas — BLUE JEANS — Interdito a menores de 13 anos.

— Cine-Teatro Avenida

Sexta-feira, 24 — às 21.30 horas — AS AMAZONAS DO KARATE — Interdito a menores de 18 anos.

Sábado, 25 — às 15.30 e às 21.30 horas — e Domingo, 26 — às 14.30 e 21.30 horas — PATTON — Maiores de 12 anos.

Domingo, 26 — às 17.30 horas, matinée clássica — SOLDADO AZUL — Não aconselhável a menores de 18 anos.

Segunda-feira, 27 — às 21.30 horas — RAPARIGA PARA CASAL, PRECISA-SE — Rigorosamente interdito a menores de 18 anos.

Terça-feira, 28 — às 21.30 horas — RAÍNHA DA RUA — Não aconselhável a menores de 18 anos.

Pela COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO

● Duzentos mil exemplares de um novo desdobrável, ilustrado com quincromias e redigido em língua portuguesa, vão ser editados pela Comissão Municipal de Turismo. Título genérico: «Passeio na Ria». Custo: 270 contos — que a Câmara, para o efeito, autorizou a dispender.

Vinda na sequência de anteriores e idênticos desdobráveis — todos de excelente aspecto gráfico e cuidada literatura informativa —, a nova publicação relevará, além do mais, panorâmica, costumes, artesanato, embarcações da Ria (designadamente o típico «moliceiro»), para além de outros motivos locais e de interesse turístico.

Cotejando a vultosa verba a dispender com a (também vultosa...) tiragem, conclui-se que cada exemplar apenas custará... 1$35.

● Encomendado, pela Comissão Municipal de Turismo, ao conhecido realizador Hélder Mendes, encontra-se já concluído um documentário cinematográfico sobre realidades e potencialidades turísticas da zona entre Ovar e o Buçaco, incluindo o Vale do Vouga.

Filmado na medida de 16 milímetros (devendo vir a ser copiado para o formato Super-8), o documentário, a cores, tem uma duração de «écran» de vinte minutos e é sonorizado com trechos de música regional.

FALECERAM:

● Com 62 anos de idade, faleceu, no dia 16 do corrente, o sr. Joaquim Ferreira Lopes, que foi a sepultar, no dia imediato, após missa de corpo-presente na capela de Nossa Senhora da Memória, em Esgueira, no cemitério daquela freguesia citadina.

O saudoso extinto deixou viúva a sr.ª D. Sara de Sousa; era pai das sr.as D. Maria da Conceição, D. Olívia, D. Margarida e dos srs. Maximino, Fernando, José e Agostinho de Sousa Lopes; e sogro dos srs. José Junqueiro dos Santos, Joaquim Gonçalves Ferreira e Francisco José Abreu da Rocha.

● No dia 17, apenas com 9 anos de idade, faleceu, no Bairro da Misericórdia, Matilde Martins Gonçalves.

A inditosa menina, que foi a sepultar na tarde do dia imediato, após missa na igreja de Santo António, era filha da sr.ª D. Maria Martins das Neves e do sr. Manuel Ramiro Gonçalves.

● Com 70 anos de idade, faleceu, no dia 18, o sr. José Francisco Farinha Torres.

O saudoso extinto, que residia na Rua do Dr. Mário Sacramento, deixou viúva a sr.ª D. Ana Alice Pereira Torres.

Foi a sepultar no Cemitério Sul.

● No mesmo dia, com a provecta idade de 86 anos, faleceu a sr.ª D. Maria Alves da Silva, que morava na Viela do Canto.

A veneranda senhora era viúva do saudoso António da Graça.

Foi a sepultar no Cemitério Central.

● Contava 50 anos a sr.ª D. Maria Alice do Carmo, que faleceu no dia 20 e residia no n.º 25 da Rua de Sá.

A saudosa extinta deixou viúvo o sr. António Simões Cordeiro.

● Vítima de doença súbita, na sua residência, ao n.º 39 da Rua de Miguel Bombarda, foi conduzida para a Casa de Saúde da Vera Cruz, onde viria a falecer na noite de 21, a sr.ª D. Zulmira Moreira de Miranda Casimiro.

Filha do inesquecível industrial e comerciante aveirense Albino Pinto de Miranda, a bondosa e respeitada senhora deixou viúvo o nosso bom amigo prof. Alberto Casimiro Ferreira da Silva; era mãe do sr. Luís Alberto de Miranda Casimiro, casado com a sr.ª D. Maria da Luz Casimiro.

A veneranda extinta contava 80 anos de idade.

Após missa de corpo-presente na igreja de Santo António, foi a sepultar, na manhã de ontem, para o Cemitério Central.

Às famílias em luto, os pêsames do Litoral

AGRADECIMENTO

Luís Santos Ferreira (Semana)

Sua família, na impossibilidade de agradecer pessoalmente a todas as pessoas que se dignaram assistir ao seu funeral ou de qualquer modo lhe manifestaram o seu pesar, vem, por este meio, expressar a todos a sua profunda gratidão.

Aveiro, Novembro de 1978.

AGRADECIMENTO

Ilda de Melo Moreira

A família de Ilda de Melo Moreira vem por este único meio agradecer a todas as pessoas que manifestaram o seu pesar e se incorporaram no seu funeral, pedindo desculpa por qualquer falta involuntariamente cometida.

Aveiro, Novembro de 1978.

AGRADECIMENTO

Severiano Pereira

Sua esposa e restante família, na impossibilidade de agradecer a todas as pessoas que se dignaram assistir ao seu funeral ou de qualquer modo lhe manifestaram o seu pesar, vêm, por este meio, expressar a todos a sua profunda gratidão.

Aveiro, Novembro de 1978.

INSCREVA-SE NO RECENSEAMENTO

A partir do próximo dia 4 de Dezembro, e até ao dia 10 de Janeiro, vai realizar-se um novo recenseamento eleitoral, obrigatório para todos os cidadãos portugueses que gozem de capacidade eleitoral e residam no continente, Açores e Madeira.

A inscrição no novo Recenseamento pode vir a causar dúvidas em alguns cidadãos eleitores, pelo facto de já se terem recenseado em anos anteriores. Todavia, é preciso não esquecer que aquele recenseamento visava eleições específicas ou seja: Assembleia Constituinte, em 1975, e Assembleia da República e Autarquias Locais, realizadas em 1976.

O presente recenseamento tem validade permanente e carácter definitivo, pois que, apenas nos casos de mudança de residência ou alteração de capacidade eleitoral, o cidadão já inscrito necessitará de se reinscrever.

O novo recenseamento eleitoral, é dirigido a todos os cidadãos portugueses que tenham pelo menos 18 anos no termo do prazo fixado para a inscrição, que se devem inscrever no recenseamento, e é único e obrigatório para todas as eleições por sufrágio directo e universal.

A inscrição dos cidadãos eleitores, deve efectuar-se no local de funcionamento da respectiva entidade recenseadora da unidade geográfica da sua residência habitual, que na maior parte dos casos funcionará na sede de freguesia e será feita pelo seu nome completo, filiação, data e freguesia de nascimento e morada, com indicação do lugar e, quando existam, da rua, número e andar do prédio.

Ao inscrever-se o cidadão eleitor necessita para se identificar do Bilhete de Identidade, ou do passaporte. No entanto, se não possuir nenhum destes documentos, a identificação far-se-á mediante a apresentação de qualquer outro documento que contenha fotografia actualizada, assinatura ou impressão digital e que seja normalmente utilizado para a identificação (como por exemplo a carta de condução, etc).

Por outro lado, o reconhecimento da identidade do cidadão poderá ser efectuado pela entidade recenseadora ou através de dois cidadãos eleitores inscritos na msma unidade geográfica e que atestem, sob compromisso de honra, a identidade do cidadão.

Outro requisito fundamental no acto do recenseamento é a prova da freguesia de naturalidade: ou por meio do próprio Bilhete de Identidade, quando este contenha tal indicação, ou através de certidão de nascimento, cédula pessoal, passaporte ou outro documento legal. Caso o cidadão eleitor não possua nenhuma prova da freguesia da sua naturalidade, terá que obtê-la, urgente e gratuitamente, antes de se inscrever. Em último caso, esta poderá ser obtida por reconhecimento unânime dos mmbros presentes da comissão recenseadora.

O diploma que regulamenta o recenseamento estipula ainda a criação do cartão de eleitor, devidamente autenticado pela entidade recenseadora, e que constituirá a prova de inscrição do cidadão eleitor.

Todavia, se por algum infortúnio o cidadão extraviar o cartão de eleitor, no qual consta obrigatoriamente o seu nome, naturalidade, número e arquivo do Bilhete de Identidade e a data de nascimento, deverá comunicar o facto, imediatamente, à entidade recenseadora, que emitirá novo cartão.

(Informação da Secretaria de Estado da Comunicação Social)

Carta aberta à Dr.ª Jovita

Conclusão da página 3

em romaria à festa de Santa Maria Madalena, em Taboeira.

Daquele tanque-bebedouro a água passava para outro bastante maior, o da lavagem das roupas, à roda do qual se postavam as lavadeiras e onde a má-língua, por vezes, também lava roupa-suja... *Ali, porque as condições de outrora eram muito diferentes das actuais, tanto iam lavar as mulheres e raparigas dos «bicudos» como as dos «cagaréus».*

Ora, num dia daqueles recuados tempos — já lá vão cerca de quinze lustros — houve entre elas uma zaragata dos diabos por causa da disputa de um lugar mais perto da água onde se enxaguava a roupa.

Ali, mesmo em frente, à sombra de uns eucaliptos que emprestavam ao lugar um ambiente repousante e aliciante, brincavam comigo uns miúdos, companheiros de escola, daquela velha escola do professor Abrantes, situada no Largo do Pelourinho. Isto seria numa quinta-feira, porquanto, naqueles tempos, tal dia da semana era livre na escola primária. O chinfrim mulheril fez-nos suspender a brincadeira e pusemo-nos de orelha alerta e olho vivo. O bate-língua destravado («É mais fácil soltar uma língua *do que prender uma* língua *solta») com que os partidos mutuamente se mimoseavam durante a contenda, proferindo plebeísmos mais ou menos insultuosos e com ressaibos e gestos de rancor, deixou a miudagem boquiaberta, porque lhes não compreendia o sentido.*

A discussão andou sempre à volta do direito ao lugar perto do enxaguadouro, e chegou mesmo a uns arrepelos de cabelo, mas não passou disto, porque se meteu de permeio um cantoneiro da estrada. Claro que a memória não me acusa, com precisão, todo o desenrolar dos episódios; mas algumas palavras do diálogo me ficaram indeléveis, entre elas: «cagaretas».

— Eu cheguei cá primeiro; eu já aqui estava; estas «bicudas» pensam que o enxaguadouro só é delas — dizia uma da cidade.

— Vocês, «cagaretas», têm lá em Aveiro tanques e vêm para cá estorvar-nos — retorquiam as «bicudas».

*E, tanto numas como noutras, bem se conhecia que usavam o apodo em tom de guerra que, então, era, realmente, o das interlocutoras desavindas. Hoje, naquelas paragens, ninguém toma tais alcunhas como desconsideração, a não ser que, nos modos e nos jeitos, a intenção seja manifesta... Os apodos em questão usam-se natural e amigavelmente, como expressão de uma gíria mui «sui generis» que não desonra, que faz parte do léxico aveirense. Pois se aparecem nas colunas deste LITORAL, não apenas em títulos da página «Desportos»: (CAGA-*RÉUS *— Finalistas Nacionais do Torneio Interbancário de Futebol de Salão), mas também em artigos firmados por distintos aveirógrafos...*

Não causará admiração se, naquela mesma página (ou em qualquer outra) nos aparecer, na secção de Basquetebol Feminino: «Cagaretas» em evidência; «Bicudas» Juvenis, na terceira ronda, venceram Sangalhos.

Já vê, pois, Ex.ma Senhora Dr.ª Jovita de Carvalho, que o feminino de «Cagaréu», segundo as antigas lavadeiras «Bicudas» dos tanques da Fonte do Olho de Água, é, sem dúvida, «Cagareta», palavra grave com a vogal tónica aberta, e isto sem qualquer motivo de mofa, desrespeito, escândalo ou ofensa.

Quanto à origem da palavra «Cagaréu», trazida à baila pelo Fernando Pessa, haveria a apresentar-se uma opinião, porventura plausível, de um meu distinto colega nas lides do magistério, um prosador de mérito, um apaixonado (e versado) arqueólogo, um conversador exímio. Mas, porque esta já passa todas as marcas da condescendência, ficará de remissa, entretanto, se não me esquecer de respirar...

Beijo mui respeitosamente as mãos de V. Ex.ª e reitero o meu pedido de perdão, confessando-me humilde patrício e admirador em fraternal aveirismo,

LUPI

Beja, 8.11.978

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

1.ª publicação

Faz-se saber que pela 2.ª Secção do 2.º Juízo desta Comarca, correm éditos de 20 dias, contados da segunda e última publicação do anúncio, CITANDO os credores desconhecidos dos autores Arménio Ramos Loureiro e mulher Maria Preciosa Gonçalves da Cunha e dos réus José Maria Sarabando, viúvo, comerciante, e outros, todos da Gafanha da Nazaré, para no prazo de dez dias, posterior ao dos éditos, nos autos de Acção Especial de Divisão de Coisa Comum n.º 94/77, movida por aqueles autores contra os referidos réus, reclamarem o pagamento dos seus créditos sobre que tenham garantia real, nos autos acima mencionados.

Aveiro, 22 de Novembro de 1978.

O Juiz de Direito,

a) — *José Alexandre de Lucena e Vale*

O Ajudante,

a) — *Domingos Manuel Vilas Boas dos Santos*

LITORAL - Aveiro, 24/11/78 — N.º 1225

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

CERTIFICO, para publicação, que por escritura de 13 de Novembro de 1978, de fls. 46 v.º a 48 v.º do livro de escrituras diversas n.º 246-B, deste Cartório, outorgada perante o notário Lic. Jorge Manuel Baptista Ramalho Miranda, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada entre Júlio Gonçalves Pelicano, Armando Pereira Couto e António Pereira Couto, nos termos dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta a denominação de ARJUAN — Construção Civil e Projectos, Lda., fica com a sua sede nesta cidade e concelho de Aveiro na Rua Dr. Mário Sacramento, n.º 20, rés-do-chão, freguesia da Glória, e durará por tempo indeterminado a contar de hoje.

2.º — O objecto social é o exercício de indústria de construção civil e projectos, podendo ainda dedicar-se a qualquer outra actividade comercial ou industrial em que os sócios acordem, não proibido por lei.

3.º — O capital social, inteiramente realizado, em dinheiro, é de 600 mil escudos e corresponde à soma de três quotas de 200 mil ecudos cada uma, uma de cada sócio.

4.º — A gerência e administração da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, pertence aos três sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, com dispensa de caução.

§ 1.º — Qualquer dos sócios gerentes poderá delegar em quem entender todos ou parte dos seus poderes de gerência, com autorização de quem mais for sócio.

§ 2.º — Para obrigar validamente a sociedade em todos os seus actos e contratos basta a assinatura de um sócio-gerente ou de um procurador, dentro dos poderes que lhe tenham sido conferidos.

§ 3.º — Fica expressamente proibido aos gerentes obrigar a sociedade em fianças, abonações, letras de favor ou quaisquer actos e contratos estranhos aos negócios sociais.

5.º — A cessão de quotas a estranhos depende sempre de autorização dos restantes sócios, a quem fica, no entanto, reservado o direito de preferência na aquisição da quota alienanda.

6.º — A sociedade não se dissolve por morte ou interdição de qualquer sócio, subsistindo com os sobrevivos ou capazes e os herdeiros ou representantes do falecido ou interdito, devendo, porém, aqueles nomear de entre si um que a todos represente na sociedade enquanto a quota se mantiver indivisa.

7.º — As assembleias gerais quando a lei não exija outros prazos ou formalidades, serão convocadas por meio de cartas registadas com aviso de recepção expedidas com a antecedência mínima de 10 dias.

ESTÁ CONFORME AO ORIGINAL, nada havendo na parte omitida além ou em contrário ao que aqui se narra ou transcreve.

Aveiro, 21 de Novembro de 1978.

O Ajudante,

a) — *José Fernandes Campos*

LITORAL - Aveiro, 24/11/78 — N.º 1225

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

1.ª publicação

Pelo presente se torna público que no dia 20 do próximo mês de Dezembro pelas 10 horas no Tribunal Judicial desta comarca de Aveiro, nos autos de Execução de Sentença que o exequente Banco Nacional Ultramarino move contra o executado JOAQUIM DA SILVA MARTINS, casado, comerciante, residente em Mataduços - Esgueira, e que correm seus termos pela 2.ª Secção do 2.º Juízo, há-de ser posta em praça pela primeira vez, para ser arrematada ao maior lanço oferecido acima do valor adiante indicado, uma casa de rés-do-chão com cinco divisões, sita na Rua Direita em Mataduços, que confronta do norte com a Rua, do sul com o executado, do nascente com João Gonçalves Sultão e do poente com Manuel Rodrigues da Cunha Cristo, inscrita na matriz urbana de Esgueira sob o n.º 343, e com o valor matricial de 22 500$00, valor por que vai à praça.

Aveiro, 21 de Novembro de 1978.

O Juiz de Direito,

a) — *José Alexandre de Lucena e Vale*

O Ajudante,

a) — *Domingos Manuel Vilas Boas dos Santos*

LITORAL - Aveiro, 24/11/78 — N.º 1225

Aveirenses de S. Jacinto

Conclusão da página 3

à qual se sentiam verdadeiramente ligadas, justificaram a designação, no conjunto, de «aveirenses de S. Jacinto».

Mas voltando aos «mercantéis», eles viviam do seu negócio, fazendo transportar o peixe comprado na xávega, em vagões puxados por bois, pela linha da «Burra» ou da «Ressuscitada» e anteriormente também pela dos «Coelhos» e do «Rocha», do mar até à Ria, vagões esses que ao mesmo tempo serviam de transporte colectivo à população.

O peixe era em seguida escolhido junto aos «palheiros», onde hoje existe a Avenida Marginal, escolha essa feita pelas mulheres que acorriam ao chamamento característico dos «mercantéis»: «Éh, mulheres, à escolha, à escolha!...». E elas lá iam com as «empanas» (pequenos panos) debaixo dos aventais e para onde, às escondidas, também «escolhiam para si», guardando nessas «empanas» o peixe que destinavam à sua alimentação, quando não eram descobertas pelos interessados que lho retiravam, se o peixe nesse dia era pouco ou tinha mais valor, pois de contrário faziam «vista grossa», quando mesmo não eram eles que davam a «teca» e era a única forma tradicional de pagamento pelo trabalho executado.

Após a escolha, era o peixe bem lavado na ria, em cabazes e em seguida metido nos barcos «mercantéis», salgado em camadas bem ordenadas e transportado para a cidade, aproveitando-se a maré e, quando possível, o vento que fazia ondular as altas velas, enquanto as famílias ficavam aguardando os chefes para nova faina, nos «palheiros», ou aproveitando os bons dias na praia e dunas tomando os respectivos banhos de mar ou de Sol.

Pelas tardes surgia o convívio das diversas famílias, às portas dos «palheiros», cavaqueando ou fazendo crochet, enquanto os mais jovens jogavam o loto a tostão ou arranjavam outro entretenimento que lhes ocupasse as horas de lazer. À noite, depois do jantar, a que também chamavam ceia, passeava-se ao longo do cais formado por estacaria de madeira com «blocos» de lama (torrões), sem luz, que a não havia, ou então, com qualquer instrumento de corda ou sopro, ou com grafonola, organizavam-se pequenos e restritos bailaricos dentro desses palheiros, ao lado dos «dagares», onde reinavam a alegria e convívio são. E quando às segundas-feiras apareciam os moliceiros vindos de Mira e que ali atracavam aguardando a maré para subirem até à Torreira ou mais acima, procurava-se de entre a tripulação alguns que tocassem viola, bandolim, guitarra ou outro instrumento e, se houvesse, fazia-se o bailarico no Club do Norte, onde muito se dava à perna até que os tocadores tivessem de partir ao seu destino porque a maré assim lho impunha. Haverá ainda certamente «moças» desse tempo que recordarão estes factos e a sua juventude aberta e irrequieta, que até num ou noutro caso ainda não perderam, pois continuam a revelar-se quando da Festa da Senhora das Areias, à qual ainda hoje não faltam...

Era sempre assim durante o Verão em S. Jacinto, até ao seu regresso ao lar real na cidade, em fins de Setembro, para voltarem no dia da Festa.

Lisboa, Nov./78

ALBANO FERREIRA SIMÕES

SOBRAS DE COMIDA

Aceitam-se propostas até ao dia 9/12/78 para o levantamento de sobras de comida e restos de hortaliça da cantina dos CTT nesta cidade — Sítio das Palhas. Local onde se prestam as necessárias informações.

Vá para o diabo, sr. Castro e Sousa!

num aquecedor a ver Televisão. Aí não aborrece ninguém e evita que um dia lhe aconteça uma grande desgraça. Eu penso que você não vinha premeditado. Ainda faço questão de pensar que você não sabe é apitar, que anda nisto porque gosta. Mas que não tem jeito nenhum, lá isso é verdade. Se calhar ainda ninguém teve a coragem de lho dizer; mas digo-lho eu. Acredite em mim e fique-se com esta: — Você é um autêntico batata a apitar.

Bom! No fundo, você nem terá a culpa toda. E das duas uma. Ou você tem enganado toda a gente, ou saiu-lhe um dia muito mau, daqueles que mais vale partir uma perna do que sair à rua. Também poderá ter acontecido você ficar impressionado com o facto do Estádio de Mário Duarte não ter ainda vedação de rede e pensar com os seus botões: — Vou dar cabo destes gajos...

Você, que agora armará em vítima, foi o único, repare, o único culpado daquelas cenas entre o público e a polícia. Você é que deveria ter sido preso e julgado publicamente. Você é que meteu toda aquela gente ao barulho e no fim ainda foi protegido!

Decerto que os acontecimentos poderão dar lugar a inquérito. E se assim acontecer, e houver honestidade — penso que ainda há disso no futebol —, você terá lugar no banco dos réus e nunca como acusador.

Foi muito triste tudo o que aconteceu no Municipal cá da terra. Tão triste e tão lamentável, que você deveria ser pura e simplesmente irradiado da arbitragem. Você não tem um mínimo de categoria. Afaste-se quanto antes. Seja ao menos honesto consigo próprio e reconheça que está a mais no futebol. Se calhar você ainda não viu que, como amador, ia dando cabo da vida a mais de duas dezenas de profissionais. Você, sim senhor. Porque todas aquelas cenas violentas que se seguiram à sua decisão da grande penalidade foram o corolário do seu tremendíssimo erro. Esses homens, que você, ingénuo amador, dirigiu, escolheram o futebol como profissão — embora discutível — e merecem o nosso respeito. Exageraram? Com certeza! E quem não perderia a cabeça no lugar deles?

Homem, você fez tudo para estragar um encontro de futebol que prometia e por isso não merece continuar. Afaste-se e vá para o diabo que o carregue, mais o seu cartão de árbitro de futebol.

JOAQUIM DUARTE

P. S. — Tentaram convencer-me que você aparentava estado de embriaguês. Não o creio. Você não bebeu, mas para fazer (e por fazer) o que fez, você deveria ter bebido pela medida grande...

J. D.

Sumário Distrital

II DIVISÃO

Resultados da 4.ª jornada

ZONA A — NORTE

Jogo	Resultado
Romariz - Tarei	1-1
Vila Viçosa - Paradela	1-1
Alvarenga - Lobão	2-1
Carregosense - Fajões	0-4
Relâmpago - Arouca	0-3
Sanguedo - Pigeirós	3-1
Pessegueirense - Mosteiró	1-0

ZONA B — CENTRO

Jogo	Resultado
Valonguense - Pinheirense	4-0
Bom-Sucesso - Gafanha	1-3
Eirolense - Quintãs	3-0
Barrô - Eixense	1-1
Fermentelos - Vista Alegre	2-2
Oliveirinha - Beira-Vouga	1-0
Carmo - Macinhatense	3-5

ZONA C — SUL

Jogo	Resultado
S. Lourenço - Antes	(a)
Fogueira - Pedralva	1-4
Sôsense - Bustos	1-3
Amoreirense - Aguinense	1-2
Barcouço - Troviscalense	(a)
Mamarrosa - Samel	(a)
Vilarinho - Poutena	2-2

(a) — Resultados que não conseguimos apurar

Classificações

ZONA A — NORTE — Fajões, 11 pontos. Arouca, Alvarenga, Pessegueirense e Sanguedo, 10. Romariz, 9. Carregosense, 8. Lobão, Pigeirós, Relâmpago, Paradela e Tarei, 7. Vila Viçosa, 5. Mosteiró, 4.

ZONA B — CENTRO — Valonguense, 12 pontos. Fermentelos, 11. Pinheirense, Macinhatense, Barrô e Gafanha, 9. Eixense, Eirolense e Vista-Alegre, 8. Bom-Sucesso e Oliveirinha, 7. Beira-Vouga, 6. Carmo, 5. Quintãs, 4.

ZONA C — SUL — Na impossibilidade de indicarmos a tabela classificativa completa, diremos, apenas, que a turma do Poutena (embora perdendo o primeiro ponto) continua isolada, na liderança, agora com 11 pontos, seguindo-se-lhe, com 10 pontos cada, as turmas do Bustos, Aguinense e Vilarinho.

Próxima jornada — domingo

Romariz - Vila Viçosa, Paradela - - Alvarenga, Lobão - Carregosense, Fajões - Relâmpago, Arouca - Sanguedo, Pigeirós - Pessegueirense, Tarei - - Mosteiró (Zona A - Norte), Valonguense - Bom-Sucesso, Gafanha - Eirolense, Quintãs - Barrô, Eixense - Fermentelos, Vista-Alegre - Oliveirinha, Beira-Vouga - Carmo, Pinheirense - - Macinhatense (Zona B - Centro), S. Lourenço - Fogueira, Pedralva - Sôsense, Bustos - Amoreirense, Aguinense - Barcouço, Troviscalense - Mamarrosa, Samel - Vilarinho e Antes - Poutena (Zona C - Sul).

JUNIORES — I DIVISÃO

Resultados da 3.ª jornada

Jogo	Resultado
Arrifanense - Valecambrense	2-2
Feirense - Ovarense	3-0
Anadia - Beira-Mar	1-0
Recreio - Avanca	3-1
Oliveira do Bairro - Lamas	4-1
Sanjoanense - Gafanha	5-0

Classificações

Anadia e Sanjoanense, 8 pontos. Beira-Mar, Oliveira do Bairro e Recreio de Águeda, 7. Feirense e Lamas, 6. Avanca, 5. Arrifanense e Ovarense, 4. Valecambrense e Gafanha, 3. As turmas do Feirense e do Arrifanense têm menos um jogo que as restantes.

Próxima jornada — sábado

Valecambrense - Sanjoanense
Ovarense - Arrifanense
Beira-Mar - Feirense
Avanca - Anadia
Lamas - Recreio
Gafanha - Oliveira do Bairro

JUNIONES — II DIVISÃO

A prova iniciou-se no último sábado, mas apenas conseguimos apurar os desfechos de três dos doze jogos programados para a ronda inaugural: Sanguedo, 0 - Paços de Brandão, 3 e S. João de Ver, 2 - Romariz, 0 (Zona A) e Valonguense, 2 - - Poutena, 0 (Zona C). Efeitos, sem dúvida, dos atrasos na distribuição do correio...

Para amanhã, sábado, a segunda jornada tem o seguinte programa geral: Esmoriz - Sanguedo, Paços de Brandão - Fiães, Lobão - S. João de Ver, Romariz - Nogueirense (Zona A), Pinheirense - Alba, Cesarense - Carregosense, Pessegueirense - S. Roque, Estarreja - Cucujães (Zona B), Luso - - Pampilhosa, Fermentelos - Mamarrosa, Bustos - Valonguense e Poutena - - Vista-Alegre (Zona C).

Continuações da última página

JUVENIS — I DIVISÃO

Resultados da 7.ª jornada

Jogo	Resultado
Ovarense - Anadia	4-2
Espinho - Sanjoanense	1-1
Lusitânia - Feirense	0-2
Nogueirense - Paços Brandão	2-0
Arrifanense - Estarreja	3-0
Valecambrense - Cucujães	3-0

Classificação

Ovarense, 19 pontos. Sanjoanense, 18. Paços de Brandão e Feirense, 17. Anadia, 16. Arrifanense e Valecambrense, 14. Lusitânia, 13. Nogueirense e Espinho, 12. Estarreja, 9. Cucujães, 7.

Próxima jornada — domingo

Anadia - Valecambrense
Sanjoanense - Ovarense
Feirense - Esgpinho
Paços de Brandão - Lusitânia
Estarreja - Nogueirense
Cucujães - Arrifanense

Aveiro nos Nacionais

III DIVISÃO

Resultados da 9.ª jornada

SÉRIE «B»

Jogo	Resultado
Freamunde - Valonguense	3-2
Lamego - Avintes	2-1
Leça - Infesta	2-0
SANJOANENSE - BUSTELO	2-1
Vilanovense - PAÇOS BRANDÃO	1-1
Leverense - OLIVEIRENSE	0-3
AVANCA - Régua	3-1
Amarante - VALECAMBRENSE	1-0

SÉRIE «C»

Jogo	Resultado
Vilanovense - Molelos	0-0
Acurede - ANADIA	1-0
Quiaios - Alcains	0-1
Febres - Naval	0-0
Mangualde - Ançã	4-1
Tondela - Guarda	2-0
Vildemoinhos - Gouveia	2-1
Viseu Benfica - Tocha	4-0

Classificações

SÉRIE «B» — Amarante, 15 pontos. OLIVEIRENSE e AVANCA, 13. Infesta e Lamego, 12. SANJOANENSE, 11. Leça, 10. PAÇOS DE BRANDÃO, 9. Freamunde, Valonguense e Avintes, 8. Vilanovense, 7. Régua e Leverense, 6. VALECAMBRENSE, 5. BUSTELO, 1.

SÉRIE «C» — Viseu e Benfica e Mangualde, 13 pontos. Naval 1.º de Maio, 12. Lusitano de Vildemoinhos, 11. Guarda e Acurede, 10. Vilanovenses, Quiaios e Ançã, 9. Tondela e Alcains, 8. Gouveia e ANADIA, 7. Molelos, Febres e Tocha, 6.

Próxima jornada

(jogos dos clubes aveirenses)

BUSTELO - Leça
PAÇOS BRANDÃO - SANJOANENSE
OLIVEIRENSE - Vilanovense
VALECAMBRENSE - AVANCA
ANADIA - Vilanovenses

os árbitros sejam) um juiz autêntico, sereno, seguro de si e certo nas decisões — **o que era... não-era** e aquilo **que não-era era!** E isto numa série longa de enganos graves, que grandemente prejudicaram o Beira-Mar e a sequência normal do desafio.

Foi, em suma, uma tarde negra, tarde de vergonha — a tarde de domingo, que, ao invés de ter deixado gratas recordações, acabou por ficar gravada, com traços de muita amargura e profunda revolta, nos sentimentos dos desportistas autênticos, que sempre ambicionam a dignificação do futebol-espectáculo.

A Imprensa, diária e desportiva, em cima das lamentáveis ocorrências, referiu já — em toda a sua extensão — o que se registou no Estádio de Mário Duarte. Remetemos os leitores (pois não vamos repetir, nestas colunas, o relato dos incidentes dessa tarde para esquecer e para não mais ser repetida!) para o que se publicou nos jornais, de que reproduzimos os títulos das respectivas crónicas: ARBITRAGEM INCRÍVEL («O Comércio do Porto»), NÃO HOUVE TEMPO PARA FUTEBOL («O Primeiro de Janeiro»), CASTRO E SOUSA — MAS QUE VERGONHA! («Jornal de Notícias»), UM «PENALTY-FANTASMA» DESCONTROLOU AVEIRENSES («Mundo Desportivo»), VITÓRIA DA SERENIDADE, EM TARDE DE VERGONHA («A Bola») e ARBITRAGEM CALAMITOSA («Record»).

●

Árbitro erra... Clube sofre... — e sofre de que maneira!

Logo no próprio jogo, em consequência do clima emocional que se viveu no estádio, dentro e fora do relvado, os nervos roubaram discernimento e faculdades anímicas aos jogadores — e foi notório que os beiramarenses foram altamente afectados! —, que, batendo-se com fibra, generosa e empenhadamente, foram impotentes para lutar contra forças-extra... Os auri-negros, dominando territorialmente e criando até bom número de ensejos de golo possível, não concretizaram com êxito, por evidente excesso da carga nervosa de que não conseguiram libertar-se. O Beira-Mar veio, assim, a sofrer derrota imerecida, sacrificando dois pontos preciosos numa partida em que, em condições normais, poderia e deveria vencer — até porque o Vitória de Setúbal, pelo que mostrou em Aveiro, é opositor perfeitamente ao seu alcance. Os sadinos, em boa verdade, foram triunfadores afortunados, que, tirando proveito do «brinde» inicial do árbitro, mais tarde contaram a seu favor com a falta de calma dos aveirenses...

Árbitro erra... Clube sofre... — insistimos (utilizando imagem derivada das actuais séries brasileiras da televisão).

E, findo o jogo — esmaltado, tristemente, por cenas menos próprias, dentro das quatro linhas do rectângulo (agressões e invasões de campo), arremesso de pedras e violentos confrontos entre o público e as forças policiais, depois de concluídos os noventa minutos do prélio — fica a aguardar-se a decisão do Conselho de Disciplina da F.P.F., que, normalmente, reúne à quarta-feira, mas, esta semana, fazendo aumentar as expectativas dos aveirenses, só conferenciará amanhã, sábado...

Os federativos, no seu veredicto, irão basear-se no relatório do sr. Castro e Sousa. **Árbitro erra... Clube sofre** — repisamos a frase, agora, em fecho, esperançados em que o árbitro conimbricense tenha, a escrever, sido bem mais feliz do que a apitar...

Xadrez de Notícias

Inicia-se na manhã de domingo mais uma prova da Associação de Desportos de Aveiro — o Campeonato Distrital de Iniciados, que, na ronda inaugural, terá os seguintes desafios:

Zona A — Feirense - S. Roque, Valecambrense - Espinho, Cortegaça - Esmoriz e Lamas - Sanjoanense. **Zona B** — Beira-Mar - Anadia, Calvão - Bustelo, Estarreja - Alba e Avanca - Oliveirense.

Nos torneios de abertura de andebol de sete actualmente em curso, apuraram-se já os seguintes desfechos:

JUNIORES — Válega, 13 - Oleiros, 23 e Beira-Mar, 15 - S. Bernardo, 14 (1.ª jornada); Oleiros, 16 - S. Bernardo, 16 e Válega, 2 - Beira-Mar, 18 (2.ª jornada).

JUVENIS — Válega, 9 - Oleiros, 11 (1.ª jornada); Oleiros, 9 - S. Bernardo, 17 e Válega, 9 - Beira-Mar, 24 (2.ª jornada).

ISABEL SANTOS

tico terror das guarda-redes contrárias, a moça futebolista — alvo de diversos convites para se transferir... — é muito possível que venha a mudar-se para o União de Coimbra, na próxima época. Na altura própria se saberá... De momento, o registo da proeza e uma palavra de parabéns à Isabel Santos.

Totobolando

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 15 DO «TOTOBOLA»

3 de Dezembro de 1978

N.º	Jogo	Prognóstico
1	Beira-Mar - A. Viseu	1
2	Famalicão - Barreirense	1
3	Estoril - Porto	2
4	Guimarães - Benfica	2
5	Sporting - Braga	1
6	Boavista - Belenenses	X
7	Varzim - Marítimo	1
8	Setúbal - Académico	1
9	Espinho - Riopele	1
10	Marinhense - Feirense	1
11	U. Lamas - U. Leiria	1
12	Atlético - Amora	1
13	Cuf - Olhanense	X

Basquetebol

letins, é-nos impossível publicar as resenhas.

SENIORES — FEMININOS

Resultado da 4.ª jornada

GALITOS - ESGUEIRA . . . 60-56

Classificação

	J	V	D	Bolas	P
Galitos	3	3	0	165-128	9
Esgueira	3	1	2	174-147	5
Sangalhos	2	0	2	60-124	2

Próxima jornada

ESGUEIRA - SANGALHOS

JUNIORES — MASCULINOS

Resultados da 3.ª jornada

GALITOS - SANGALHOS . . 75-51
BEIRA-MAR - ESGUEIRA . . 103-36

Classificação

	J	V	D	Bolas	P
Galitos	4	3	1	273-220	10
Sangalhos	3	2	1	216-154	7
Beira-Mar	3	2	1	216-168	7
A.R.C.A.	3	1	2	191-174	5
Esgueira	3	0	3	117-288	3

Próxima jornada — sábado, à tarde

SANGALHOS - BEIRA-MAR
ESGUEIRA - A.R.C.A.

JUNIORES — FEMININOS

Resultado da 7.ª jornada

SANGALHOS - GALITOS . . 35-16

Classificação final

	J	V	D	Bolas	P
Esgueira	4	4	0	140-78	12
Galitos	4	1	3	102-165	6
Sangalhos (a)	4	1	3	103-87	5

(a) — Averbou uma falta de comparência.

JUVENIS

Resultados da 9.ª jornada

SÉRIE A

GALITOS-A - ILLIABUM-A . 75-83
A.R.C.A. - SANJOANENSE . 50-59

SÉRIE B

ILLIABUM-B - SANGALHOS . 20-113
BEIRA-MAR - GALITOS-B . 126-19

Classificações

SÉRIE A

	J	V	D	Bolas	P
Illiabum-A	8	8	0	607-307	24
Galitos-A	7	5	2	514-282	17
Sanjoanense	7	4	3	364-377	15
A.R.C.A.	7	1	6	279-425	9
Ovarense	7	0	7	157-510	7

SÉRIE B

	J	V	D	Bolas	P
Sangalhos	8	7	1	787-366	22
Beira-Mar	7	6	1	679-239	19
Esgueira	7	4	3	477-402	15
Galitos-B	7	1	6	291-666	9
Illiabum-B	7	0	7	165-726	7

Próxima jornada — domingo, de manhã

SANJOANENSE - GALITOS-A
OVARENSE - A.R.C.A.
GALITOS-B - ILLIABUM-B
ESGUEIRA - BEIRA-MAR

Cooperativa Militar de Aveiro

(Em liquidação)

Por motivo de liquidação determinada pelo Ministério do Exército aceitam-se propostas, até ao dia 5 de Dezembro próximo futuro, para a compra do prédio, propriedade da Cooperativa Militar de Aveiro e sua antiga sede, sito à Rua do Gravito n.os 34 e 36 nesta cidade de Aveiro.

O referido imóvel, com uma frente de 15 m e igual profundidade, compõe-se de rés-do-chão, primeiro e segundo andar. o rés-do-chão, que se entrega devoluto, é constituído por loja e armazém. Os dois outros andares por um escritório comercial e duas residências que rendem um total de 4.300$00 mensais.

As propostas, em carta lacrada e registada, deverão ser endereçadas à Comissão Liquidatária da Cooperativa Militar de Aveiro, Comando Militar de Aveiro no Batalhão de Infantaria de Aveiro e serão abertas na supracitada sede da Cooperativa no dia 9 de Dezembro, também próximo futuro, pelas 15 horas e na presença dos concorrentes e daqueles sócios que desejarem ser presentes.

Prevê-se a licitação verbal no caso de se registarem propostas máximas de igual valor. O arrematante obriga-se a depositar no acto da arrematação, 7% do preço da compra e esta Comissão Liquidatária reserva-se o direito de não aceitar qualquer das propostas que lhe sejam presentes caso toda elas sejam consideradas inadequadas.

O prédio pode ser visto todos os dias úteis, excepto sábados, de 20 a 30 do corrente mês de Novembro e das 15 às 17 horas.

Aveiro, 13 de Novembro de 1978.

A Comissão Liquidatária da Cooperativa Militar de Aveiro

Campeonato Nacional da I Divisão

ARQUIVO

Resultados da 10.ª jornada

BEIRA-MAR - V. Setúbal	2-3
Ac.º Viseu - Famalicão	0-1
Barreirense - Estoril	1-1
Porto - V. Guimarães	1-1
Benfica - Sporting	5-0
Braga - Boavista	3-1
Belenenses - Varzim	0-0
Marítimo - Ac.º Coimbra	0-0

Tabela de pontos

	J	V	E	D	Bolas	P
Benfica	10	7	0	3	18-5	14
Porto	10	5	4	1	14-5	14
Braga	10	6	1	3	17-9	13
Barreirense	10	5	2	3	12-7	12
V. Guimarães	10	5	2	3	15-10	12
Sporting	10	5	2	3	13-11	12
Varzim	10	4	4	2	12-10	12
Belenenses	10	5	1	4	18-15	11
Estoril	10	3	4	3	9-11	10
Famalicão	10	3	4	3	6-9	10
Ac.º Coimbra	10	3	3	4	8-11	9
V. Setúbal	10	3	2	5	10-15	8
Boavista	10	3	1	6	9-13	7
Marítimo	10	2	3	5	8-14	7
BEIRA-MAR	10	2	1	7	11-22	5
Ac.º Viseu	10	2	0	8	3-16	4

Próxima jornada — 3/Dezembro

BEIRA-MAR - Ac.º Viseu
Famalicão - Barreirense
Estoril - Porto
V. Guimarães - Benfica
Sporting - Braga
Boavista - Belenenses
Varzim - Marítimo
V. Setúbal - Ac.º Coimbra

ÁRBITRO ERRA...
...CLUBE SOFRE...

Beira-Mar, 2 V. Setúbal, 3

Jogo no Estádio de Mário Duarte, sob arbitragem do sr. Castro e Sousa, coadjuvado pelos srs. Mário Martins (bancada) e Monteiro Cunha (superior) — equipa da Comissão Distrital de Coimbra.

Os grupos formaram deste modo:

BEIRA-MAR — Rola; Manecas, Quaresma, Sabú e Soares (Camegim, aos 81 m.); Veloso, Vala (Keita, na segunda parte) e Sousa; Niromar, Garcês e Germano.

V. SETÚBAL — Silvino; José Lino, José Mendes, Martin e Caica (Quim, aos 60 m.); Pedrinho, Palhares e Jacinto João (Francisco Silva, aos 76 m.); Narciso, Vítor Baptista e Vítor Madeira.

Suplentes não utilizados: Padrão, Leonel e Cremildo — no Beira-Mar; Firmino, Formosinho e Cabumba — no Vitória de Setúbal.

Acção disciplinar — Cartão «amarelo» a Pedrinho, aos 85 m., por falta cometida sobre Niromar.

Ao intervalo, os sadinos venciam por 2-1. Aos 8 m., de grande penalidade (punindo, no entender do árbitro, falta cometida por Soares sobre Vítor Madeira), JACINTO JOÃO abriu o activo: fintou bem Rola, que se lançou para um lado, entrando a bola pelo outro. Aos 28 m., na sequência de livre apontado por Vala, em jeito de cruzamento, Garcês simulou ir à bola, deixando-a para VELOSO rematar vitoriosamente, fazendo 1-1. Numa recarga oportuna, aos 34 m., depois de defesa incompleta de Rola, num remate de Vítor Madeira, VÍTOR BAPTISTA deu novo avanço aos sadinos.

No segundo tempo, aos 66 m., re-

cebendo o esférico de Sousa, NIROMAR, em posição frontal, repôs a igualdade, com remate sem defesa para Silvino. Por fim, aos 77 m., no desenvolvimento de «corner» marcado por Pedrinho, VÍTOR BAPTISTA, de cabeça, livre de oposição, à boca da baliza, estabeleceu a marca definitiva.

●

Pela situação que os dois clubes ocupavam na tabela classificativa — ambos na zona perigosa e ambos, portanto, carecidos de angariar pontos — previa-se que o Beira-Mar - Vitória de Setúbal, na linha de anteriores confrontos entre as suas equipas, viesse a ser um jogo disputado com muito entusiasmo, muito ardor e muito empenho e constituisse um bom espectáculo. De resto, a tarde do pretérito domingo apresentou-se com sol rutilante e amena, dando o tempo precioso contributo para que o agrado da jornada fosse total.

Sucedeu, no entanto, que os prognósticos sairam furados. E tudo por culpa grande, por culpa quase exclusiva do árbitro — que produziu trabalho francamente negativo, quer sob o ponto de vista disciplinar (onde foi verdadeira lástima a sua actuação), quer sob o ângulo dos seus julgamentos (onde teve erros constantes, erros a fio, uns atrás dos outros, entrando em frequentes desacordos com os seus auxiliares). Para o conimbricense sr. Castro e Sousa — que não soube ser (como se impunha e sempre se deseja que todos

Continua na página 6

VÁ PARA O DIABO, SR. CASTRO E SOUSA!

Um texto de JOAQUIM DUARTE

Você livrou-se de boa! Se não era aquele cívico pegar-lhe por um braço e arrastá-lo em corrida a caminho dos balneários, seria o fim! Não o seu fim, mas o do árbitro de Coimbra... Pelo menos, meu caro, você ficaria com pouca vontade de voltar a pisar um campo de futebol. Você fugiu, como um ladrão! Teve cá uma sorte dos diabos! E sabe porquê? Porque você foi o único culpado do que aconteceu no «Mário Duarte» e, depois, saiu ileso. Se alguém tinha de aguentar a ira da multidão era você, todo inteirinho.

Eu logo me apercebi da sua insegurança quando entrou no relvado. Vinha com os olhos no chão, apreensivo e distante dos seus auxiliares, que até mais pareciam dois lacaios a acompanhar o patrão, imagem que já não se usa. E vinha com uma importância balofa, afinal, pois, pelo decorrer do jogo — e que jogo! — você, que poderia ter sido bestial, ficou, antes, mais próximo da besta. Só o que me admira é como você, tão ingénuo (seria só ingenuidade ?) ainda se mete nestas coisas. No lance fatídico, quase no início da partida, você não terá visto que o jogador do Vitória — o tal que provocou o castigo de Bento — se atirou propositadamente para o chão? O Vítor Madeira é useiro nestes lances e você devia sabê-lo! Ou será que não lê os jornais? Ao menos, peça a quem lhos leia...

Por que é que você veio para árbitro de futebol? Você é uma negação como juiz, seu homem. Meta-se antes em casa com os pés

Continua na página 6

BASQUETEBOL

CAMPEONATOS DE AVEIRO

SENIORES

Resultados da 9.ª jornada

SANGALHOS - OVARENSE	70-50
SANJOANENSE - GALITOS	57-81
BEIRA-MAR - ESGUEIRA	64-66

Jogo em atraso

SANGALHOS - GALITOS	84-76

Classificação

	J	V	D	Bolas	P
Sangalhos	9	9	0	684-486	27
Ovarense	9	6	3	647-546	21
Galitos	9	5	4	598-538	19
Sanjoanense	8	4	4	458-477	16
Esgueira	9	2	7	498-605	13
Beira-Mar	8	0	8	380-635	8

Próxima jornada — sábado, à noite

OVARENSE - SANJOANENSE
ESGUEIRA - SANGALHOS
GALITOS - BEIRA-MAR

—x—

Equipas e marcadores:

BEIRA-MAR (64) — Albano (2-6), Gamelas (12-2), Sarmento (2-8), Tó-Melo (4-16), Luís Melo (0-6), Godinho (2-5), Carvalho e Nelson.

ESGUEIRA (66) — Tavares (2-0). Costa (8-0), Isidro (14-6), José Angelo (6-0), Vítor Melo (0-2), Valente (0-17), João Jaime (0-13), Lopes e Castro.

Árbitros — Raul Gonçalves e Fernanda Carvalho.

1.ª parte: 22-30. 2.ª parte: 42-36.

● Dos restantes encontros, por não conseguirmos os respectivos bo-

Continua na página 6

CAMPEONATOS NACIONAIS

I DIVISÃO — ZONA NORTE

Depois de quase um mês de paragem — programada, oportunamente, dentro do plano de preparação da turma que representou Portugal na fase de apuramento do Campeonato do Mundo — o «Nacional» da I Divisão recomeça a disputar-se amanhã, sábado, com os seguintes encontros, na Zona Norte:

Maia - S. BERNARDO
Porto - Espinho
Ac.ª S. Mamede - Desp. Póvoa
Gaia - Padroense
BEIRA-MAR - Francisco d'Holanda
Vilanovense - Académico

CAMPEONATOS DE AVEIRO

● Não nos foi possível saber os desfechos dos jogos referentes ao Distrital da I Divisão — pelo que só na próxima semana os arquivaremos nestas colunas. Indicamos, no entanto, que para amanhã, na sexta jornada, haverá os desafios **Amoníaco - Sanjoanense, Aprocred - Monte** e **Válega - Albergaria.**

● No Campeonato de Seniores — Femininos, na terceira jornada, apuraram-se estes desfechos.

Beira-Mar - Aprocred	11-9
Oleiros - S. Bernardo	6-2

A prova prossegue com os jogos **Aprocred - S. Bernardo** (sábado, à tarde) e **Oleiros - Beira-Mar** (domingo, de manhã).

SUMÁRIO DISTRITAL

I DIVISÃO

Resultados da 5.ª jornada

Arrifanense - Fiães	0-0
Cortegaça - S. João de Ver	2-1
Pampilhosa - Nogueirense	1-1
Mealhada - Paivense	1-0
Cesarense - Ovarense	0-0
Cucujães - Luso	1-0
S. Roque - Esmoriz	1-0
Estarreja - Milheiroense	3-1

Classificação

Cortegaça, 14 pontos. Cesarense e Ovarense, 12. Esmoriz, Luso e Estarreja, 11. S. João de Ver, Paivense, Nogueirense e Cucujães, 10. Pampilhosa, Arrifanense e Mealhada, 9. S. Roque, 8. Milheiroense e Fiães, 7.

Próxima jornada

S. João de Ver - Arrifanense
Fiães - Estarreja
Nogueirense - Cortegaça
Paivense - Pampilhosa
Ovarense - Mealhada
Luso - Cesarense
Esmoriz - Cucujães
Milheiroense - S. Roque

Continua na página 6

AVEIRO nos NACIONAIS

II DIVISÃO

Resultados da 9.ª jornada

ZONA NORTE

Salgueiros - Leixões	1-1
Aves - Gil Vicente	1-1
Chaves - Paredes	0-1
Aliados - LUSITANIA	0-1
ESPINHO - Tadim	5-0
Rio Ave - Fafe	2-0
Vianense - Riopele	0-1
Penafiel - Paços Ferreira	1-1

ZONA CENTRO

Portalegrense - U. Coimbra	0-0
Marinhense - RECREIO	2-0
U. Santarém - Covilhã	1-2
Peniche - FEIRENSE	0-3
LAMAS - Caldas	1-0
OLIVEIRA BAIRRO - Torriense	2-0
U. Tomar - U. Leiria	1-2
ALBA - Estrela	1-1

Classificações

ZONA NORTE — Riopele, ESPINHO, Penafiel e Rio Ave, 13 pontos. Salgueiros, 11. Paços de Ferreira e LUSITANIA, 10. Paredes e Fafe, 9. Gil Vicente, 8. Leixões e Vianense, 7. Chaves e Aliados de Lordelo, 6. Desportivo das Aves, 5. Tadim, 2.

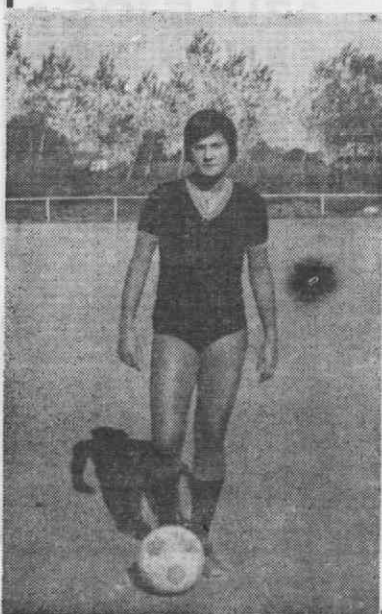
ZONA CENTRO — LAMAS, 16 pontos. União de Leiria, 15. FEIRENSE e OLIVEIRA DO BAIRRO, 11. Estrela de Portalegre, 10. Peniche e União de Santarém, 9. Portalegrense, Marinhense, RECREIO DE AGUEDA e Covilhã, 8. União de Tomar e União de Coimbra, 7. Torriense e ALBA, 6. Caldas, 5.

Próxima jornada
(jogos dos clubes aveirenses)

LUSITANIA - Chaves
Fafe - ESPINHO
U. Coimbra - ALBA
RECREIO - Portalegrense
FEIRENSE - U. Santarém
Torriense - Lamas
U. Leiria - OLIVEIDA DO BAIRRO

Continua na página 6

ISABEL SANTOS

UM "EUSÉBIO" DE SAIAS...

Bem conhecida dos desportistas aveirenses — sobretudo por ser destacada componente da turma de basquetebol do Esgueira, várias vezes campeã distrital — Isabel Santos é uma jovem em plano de grande evidência, já que, praticante eclética, acaba de distinguir-se no I ENCONTRO NACIONAL DE FUTEBOL FEMININO.

De facto, neste torneio, recentemente concluído com vitória final do Boavista, Isabel Santos, alinhando pelo Febres (que se classificou na quarta posição), foi a «raínha das marcadoras» — alcançando 23 golos! Um verdadeiro «Eusébio de saias»... autên-

Continua na página 6

XADREZ DE NOTÍCIAS

No anunciado desafio Aveiro - Braga, entre selecções femininas de andebol de sete, realizado nesta cidade no passado sábado, as bracarenses (que alinharam com jogadoras com mais de 18 anos — ao contrário do que estava estabelecido) triunfaram por 11-4.

O técnico federativo, Prof. João Prudente, que assistiu ao jogo — e pelas indicações que nele recolheu — convocou para o estágio técnico-pedagógico marcado para Coimbra (de 1 a 3 de Dezembro), quatro andebolistas aveirenses: Carmo Osório, Isabel Pires e Adelaide Matos (todas do Beira-Mar) e Clara Barroca (do S. Bernardo).

Integrado no programa comemorativo do 57.º Aniversário da Associação Desportiva Ovarense, vai realizar-se, em 17 de Dezembro próximo, o **II Grande Prémio de Ovar** — organizado pela Secção de Atletismo da popular colectividade vareira, com colaboração técnica da Associação de Desportos de Aveiro.

Continua na página 6

Litoral SEMANÁRIO
AVEIRO, 24 - NOVEMBRO - 78
ANO XXV - N.º 1225
PORTE PAGO
DESPORTOS
SECÇÃO DIRIGIDA POR ANTÓNIO LEOPOLDO

Exmº Senhor
João Sarabando
AVEIRO